

Sidney da Silva Facundes
(UFPa)

Morfemas “flutuantes” em Apurinã e a Tipologia dos Clíticos¹

ABSTRACT

A special class of bound morphemes, called “floating” morphemes, is examined in the Apurinã (Arawak/Maipure) language of Brazil. These “floating” morphemes share both properties of affixes and of independent words in a manner reminiscent of cliticization phenomena. After comparing the ways that “floating” morphemes are similar and different from typical affixes and from typical independent words, the author investigates these special morphemes in the context of cliticization, arriving at two main conclusions: (i) although “floating” morphemes share a number of properties with clitic elements, they also pose a problem to the current typology of clitics, and (ii) they do not show the sort of uniform behavior expected from a class of special clitics, pointing to the need for a better understanding of the ways in which phonological forms can interact with the principles of organization of both word and sentence structures.

1. INTRODUÇÃO¹

Este trabalho trata de uma classe especial de morfemas presos encontrados na língua apurinã e que ocorrem fora da morfologia afixal inerentemente verbal ou fora da morfologia afixal inerentemente nominal; ou seja, essa classe especial ocorre fora das formas afixais cuja distribuição é restrita às bases verbais ou fora das formas afixais cuja distribuição é restrita às bases nominais. A língua apurinã pertence à família Aruák, e é falada principalmente em comunidades que se espalham ao longo de tributários do Rio Purus,

¹ Versões preliminares deste trabalho foram apresentadas na forma de duas comunicações: a primeira foi feita na conferência da *International Society of Linguistics*, na *New York University*, em maio de 2000; a segunda foi feita no encontro do Grupo de Trabalho de Línguas Indígenas, da ANPOLL, em Gramado, em junho de 2002, com o apoio de uma bolsa de Desenvolvimento Científico Regional do CNPq e também com o apoio do Programa de Mestrado em Letras da UFPa. Endereço eletrônico: sidi@ufpa.br

principalmente no sudeste do Estado do Amazonas. O rótulo morfemas “flutuantes” tem sido utilizado por este autor para referir essa classe especial de morfemas de forma descritiva (Facundes, 2000a, pp. 382-445). Os dados aqui utilizados resultam de várias visitas a campo realizadas pelo autor em diferentes momentos nos últimos 12 anos. As línguas da família Aruák mais proximamente aparentadas a Apurinã são Mantinéri/Piro and Iñapari (Facundes 2000b).

A questão principal que será tratada aqui é sobre o *status gramatical* desses morfemas “flutuantes”, considerando suas **propriedades afixais** que contrastam com **propriedades de palavra**. Como parte dessa discussão, é natural também levantar a questão sobre a relevância das propriedades desses morfemas para os estudos do fenômeno da cliticização.

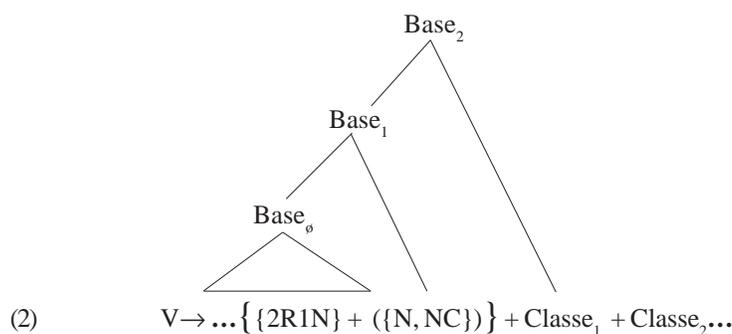
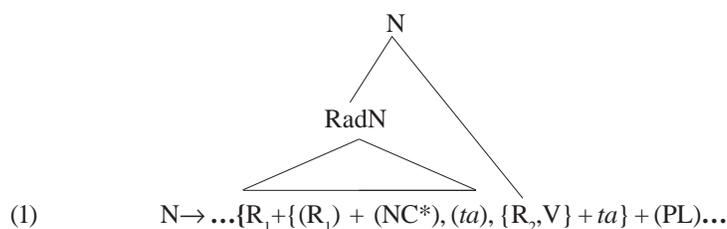
2. SÍNTESE DOS ASPECTOS RELEVANTES DA GRAMÁTICA APURINÃ

A gramática dessa língua pode ser caracterizada com predominantemente polissintética, com uma rica morfologia verbal (em termos do número de morfemas presos e de sua diversidade semântica) que inclui marcadores pronominais, nomes regulares e nomes classificatórios incorporados; nas construções genitivas o nome possuído recebe a morfologia de posse. Além disso, exceto por alterações morfofonológicas associadas às marcas pronominais que funcionam como sujeito ou possuidor, e além de dois sufixos nominalizadores, a língua é do tipo aglutinante, com padrão silábico CV.

Apurinã possui os morfemas presos que se comportam como típicos afixos; estes contrastam com os morfemas “flutuantes” que compartilham tanto propriedades típicas de afixos como propriedades típicas de palavras. As representações em (1) e (2) resumem a estrutura geral das formas nominais e verbais que servem de bases nas quais os morfemas “flutuantes” podem ser empregados:²

² Abreviações usadas:

AFET= afetado	PASS= passiva
ASSOC= associativo	PFTV= perfectivo
DESPOSS= despossuído	PFTVD= perfectividade
ÊNF= ênfase	PL= plural
F.CAUSAL= fonte causal	POSS= possuidor
FOC= foco de atenção	POSSDO= possuído
FRUST= frustrativo	R ₁ = raiz livre
FUT= futuro	R ₂ = raiz presa
GER= gerúndio	RadN= radical de nome
INTR= intransitivizador	REC= recíproco
M= masculino	RESTR= restritivo
N=nome	SUJ, S=sujeito
NC=nome classificatório	V=verbo
OBJ=objeto	VBLZ=verbalizador



Dada a estrutura nominal em (1), morfemas “flutuantes” serão empregados na margem direita, exceto pelos marcadores pronominais de sujeito / possuidor que serão empregados na margem esquerda. Dada a estrutura nominal em (2), os morfemas “flutuantes” serão empregados na margem direita, também exceto pelas marcas pronominais para sujeito / possuidor que serão empregados na margem esquerda. É importante notar, contudo, que, independentemente da possibilidade de muitos dos morfemas “flutuantes” serem empregados tanto em bases nominais quanto em bases verbais, nomes e verbos podem ser distinguidos como duas classes de palavras em Apurinã a partir de várias propriedades morfológicas e sintáticas. Exemplo de uma propriedade inerentemente morfológica nominal é a marca do plural –*wako ru*/*wako ro*, ilustrada em (3a), onde essa forma é empregada no radical de nome *kākutu* ‘pessoa’. O exemplo em (3b), por outro lado, ilustra o fato de que *wako ru*/*wako ro* não pode ocorrer em verbos:³

- (3) a. hākiti-nhi kākutu-wako-ru₁ keta
 onça-AFET pessoa-PL-M atirar
 ‘As pessoas (do sexo masculino) atiram na coitada da onça’
- b. *hākiti-nhi kākutu keta-wako-ru₁
 onça-AFET pessoa atirar-PL-M
 (As pessoas (do sexo masculino) atiraram na onça)

³ A transcrição dos dados de Apurinã utilizada aqui faz uso da ortografia da língua utilizada em Facundes (2000) e em outros trabalhos: u=/i/, tx=/tʃ/, x=/ʃ/, nh=/ɲ/. É importante notar, contudo, que essa ortografia recentemente sofreu pequenas alterações que não foram incorporadas neste trabalho.

Como categoria sintática, nomes podem ser diferenciados dos verbos (como também de outras classes de palavras) de várias maneiras. Uma dessas diferenças sintáticas entre nomes e verbos é manifestada na expressão formal da sub-categorização das relações gramaticais, que é específica dos verbos. Embora essa sub-categorização possa ser descrita como parte das propriedades léxico-semânticas dos verbos, a sua expressão formal é estruturada em termos sintáticos. Por exemplo, a raiz nhipoko ocorre em (4a) com a marca de nome despossuído -ru₂ formando a expressão nominal que funciona como sujeito do verbo hareka ‘ser bom’. Em (4b), a mesma raiz nhipoko ocorre com a marca de nome possuído -re₂ em uma construção em que o elemento possuído ocorre em uma construção em que a forma possuidora é nota ‘1SG’:

- (4) a. nhipoko-ru₂ hare-ka
comida-DEŠPOSS ser.bom-PRED
‘A comida é boa.’
- b. nota nhipoko-re₂
1SG comida-POŠSDO
‘minha comida...’
- c. *nota nhipoko-ru₂
1SG comida-DEŠPOSS
(minha comida; Eu comi.)
- d. nota nhipoko-ta
1SG comida-VBLZ
‘Eu comi.’

Os exemplos em (4a-b) ilustram duas propriedades sintáticas dos nomes. O exemplo em (4c) mostra que o pronome nota não pode ser interpretado como a expressão sintática do possuidor ou de sujeito quando empregado na forma nhipoko- marcada pelo sufixo despossuidor -ru₂. A razão de nota em (4c) não poder ser interpretado como sujeito se deve à presença da marca de nome despossuído -ru₂ que torna a raiz um nome e não um verbo. Como um nome, nhipoko-ru não subcategoriza para sujeito. Além disso, como ilustrado em (4d), apenas verbos subcategorizam para argumentos gramaticais (tais como sujeito) e, portanto, permitem a sua expressão sintática em uma oração. Ou seja, (4d) é uma oração gramatical porque o verbalizador -ta foi adicionado à raiz nhipoko-, portanto formando um verbo (nesse caso, um verbo intransitivo) que, como qualquer verbo (fora da classe de verbos descritivos objetivos) nessa língua, requer um sujeito.

Outras distinções entre nomes e verbos são as seguintes (cf. detalhes em Facundes, 2000a): apenas nomes são subdivididos em alienáveis, inalienáveis ou mistos em Apurinã; apenas nomes são lexicalmente ou morfologicamente marcados como feminino ou masculino, e essa propriedade gramatical dos nomes é refletida nos padrões de marcação de correferencialidade dentro do sintagma nominal (e em outras construções); argumentos de um verbo podem ocorrer pré- ou pós-verbalmente, enquanto a forma genitiva pode apenas preceder a elemento possuído; e, finalmente, há ainda reflexos formais e comportamentais relacionados à mudanças de valência que se restringem aos verbos.

Portanto, é bastante claro que as propriedades apresentadas mais adiante para os morfemas “flutuantes” não devem e não podem ser explicadas a partir de uma possível inexistência de distinção entre nomes e verbos nessa língua, pois a distinção existe.

3. MORFEMAS “FLUTUANTES”

Existem três tipos principais de propriedades associadas aos morfemas flutuantes (MF) que justificam tratá-los como uma classe especial de morfemas presos, diferente das classes dos típicos afixos e das palavras independentes encontradas na língua. Esses três tipos de propriedades serão apresentados de forma geral nesta seção, mas sofrerão algumas qualificações nas seções seguintes.

I-FM ocorrem nas classes posicionais mais externas da base da palavra; ou seja, eles geralmente ocorrem mais distantes da raiz do que os típicos afixos da língua;

Isso significa que quando MF co-ocorrem com qualquer dos sufixos inerentes aos nomes, verbos ou palavras da classe fechada, tais MF ocorrem à direita desses sufixos, ou, de outro modo, ocorrem como “prefixos”. Em (5a) a marca de reciprocidade kaka é o elemento que ocupa a última classe posicional entre os sufixos inerentemente verbais da classe₂, enquanto que a marca de ênfase putu é um exemplo da classe de MF; e, como o exemplo mostra, putu ocorre após -kaka:

- (5) a. ã-atama-kaka-putu
 1PL-ver-REC-ÊNF
 ‘Nós nos vimos mesmo.’ (Co:DB3)
- b. kopiti-nu-ru₁-putu
 Panela-PL-M-ÊNF
 ‘...mesmo as panelas. (Mod:A)

Em (5b), a marca de ênfase -putu é empregada em uma base nominal após os sufixos inerentes aos nomes, -nu e -ru₁, marcadores do plural e do masculino, respectivamente (sendo que -nu e -ru₁ estão numa relação de inter-dependência). Aqui novamente o FM putu ocorre fora (mais distante da raiz) do que os típicos afixos -nu -ru₁.

II- Alguns MF podem “flutuar” na oração, sendo empregados em bases de classes de palavras distintas (daí o rótulo morfema “flutuante”).

Os exemplos em (5) já ilustram essa segunda propriedade de MF: em (5a) a marca de ênfase é empregada no verbo, e em (5b) o mesmo morfema é empregado no nome. Outra ilustração da propriedade “flutuante” desses morfemas presos especiais pode ser vista no uso do marcador de dano, -nhi, que é empregado em bases nominais, pronominais ou verbais intransitivas. Em termos sintático-semânticos, quando empregado em (pro)nomes, nhi ocorre em expressões que funcionam como argumentos mudando de lugar / estado

(fisicamente ou metaforicamente)⁴. Geralmente, a mudança de lugar / estado é acompanhada de algum dano físico ou psicológico sofrido pelo referente. Em (6a) o MF -nhi ocorre no radical de nome powa ‘lago’; em (6b) o mesmo MF ocorre na base pronominal uwa ‘3SG.M’; e em (6c) -nhi ocorre na base verbal nhipoko ta ‘alimentar-se’:

- (6) a. powa-nhi n-atama-ta
lago-AFET 1SG-ver-VBLZ
‘Eu vi o lago seco.’
- b. uwa-nhi hākiti nhika-pē-ka
3SGM-AFET onça comer-PFTV-PASS
‘A onça já o devorou.’
- c. i-nhipoko-ta-nhi-ko
3M-alimentar.se-VBLZ-AFET-FUT
‘Ele (o coitado) se alimentou.’ (i.e. ‘estava faminto’)

III- Alguns MF têm escopo semântico ou sintático que vão além daquele da sua base.

Essa propriedade simplesmente significa que o escopo semântico ou a função sintática de alguns MF não se aplica à base da palavra na qual esses morfemas são empregados, e sim a alguma outra unidade. O uso do marcador de dano -nhi ilustra esse conflito entre fonologia e sintaxe / semântica: em (6a c) -nhi é empregado em bases nominais, pronominais e verbais, respectivamente; e, nos três exemplos o morfema marca o dano sofrido pelo argumento não-agentivo do verbo. O MF que marca frustração, -ma, pode também ser usado para ilustrar esse ponto. -ma é usado para marcar o resultado de um evento ou o estado denotado pelo predicado, o qual é diferente daquilo que (normalmente) seria esperado ou desejado. Embora o sentido gramatical desse morfema esteja associado ao predicado, -ma é, contudo, empregado em bases nominais e pronominais, além da base verbal. Portanto, em (7a), o marcador de frustração é empregado na base nominal youka-ke-ma-ra; em (7b), ele é empregado na base pronominal nota-ma; e, em (7c), esse marcador é empregado na base verbal nhi-nhita-pē, -ka₄ -ma -ru:

- (7) a. n-atama-ru youka-ke-ma-ra
1SG-ver-3M.O Youka-vara-FRUST-FOC
‘(Foi) O magrelo Youka que eu vi, mas...’
- b. nota-ma uwa-kata sāki-rewa-ta-pe
1SG-FRUST 3SGM-ASSOC conversar-INTR-VBLZ-PFTV
‘Eu falaria com ele, mas/se...’ (2:62:39:A)

⁴ Por essa razão, no passado esse morfema foi chamado de “marcador de tema” (cf. Facundes, 1992), seguindo a terminologia e idéias baseadas em DeLancey (1991,1984).

c.	nhi-nhita-pê-ka ₄ - <u>ma</u> -ru	kona	n-apoka-ru
	1SG-procurar-PFTV-PASS-FRUST-3M.O	não	1SG-achar-3M.O
	‘Eu procurei por ele, mas não o encontrei’ (1:35:C)		

Uma vez mais, embora o escopo do MF marcador de frustração esteja mais intimamente associado ao predicado (ou, talvez, à oração) nos três exemplos em (7), a sua base fonológica pode ser um nome ou pronome, além de um verbo.

Em resumo, é com base nas propriedades descritas em I-III que MF podem ser distinguidos dos típicos afixos e das palavras independentes em Apurinã. Nem todos esses três tipos de propriedades, contudo, se aplicam de maneira uniforme aos MF, como ficará claro na próxima seção; ao invés disso, são as diferentes combinações dessas propriedades que conspiram para diferenciar os MF, listados nas Tabelas 1 e 2, dos típicos afixos e das palavras independentes.⁵

A descrição detalhada de cada MF atestado na língua pode ser encontrada em Facundes (2000a: 385-414). A próxima seção tratará de algumas qualificações a serem feitas sobre as três propriedades descritas acima; analisará o *status* gramatical que pode ser motivado para os MF quando estes são comparados às características tipológicas de afixos, palavras independentes; e, finalmente, abordará a possível relação entre MF e clíticos.

⁵ Há ainda alguns casos de possíveis MF que carecem melhor descrição e que, por isso, foram omitidos deste trabalho.

Tabela 2: Morfemas “flutuantes” e suas classes posicionais na base nominal

	-1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FUNÇÃO	SUJ	ÊN	AFET	OBLÍQUOS	PFTVD	PRED	FRUSTR	RESTR	FOC	3PL.S/POSS	FUT
FORMAS	<u>nu-</u> 1SG	- <u>putu</u>	<u>-nhi</u>	<u>-ã</u> INSTR	<u>-pe</u> PFTV	<u>-ka₄</u>	<u>-ma</u>	<u>-nanu</u>	<u>-ra</u>	<u>....-na</u>	<u>-ko</u>
	<u>pu-</u> 2SG			<u>-kata</u> ASSOC	<u>-panhi</u> IMPTV						
	<u>u-</u> 3SG.M			<u>-sawaku</u> TEMP							
	<u>o-</u> 3SG.F			<u>-mokaru</u> META							
	<u>a-</u> 1PL			<u>-takote</u> CONTIG							
	<u>hi-</u> 2PL			<u>-xika</u> F.CAUSAL							
	<u>u-...</u> 3PL.M										
	<u>o-...</u> 3PL.F										

4. O STATUS DOS MORFEMAS “FLUTUANTES”

A primeira pergunta que vem à mente quando se encontram morfemas presos que apresentam propriedades normalmente associadas a palavras independentes é se tais morfemas constituem algum tipo de clítico. Há, entretanto, uma variedade de significados associados ao uso do termo “clítico”, o que pode ser avaliado através das palavras de Jerrold Sadock (1991:52): “[t]he elements we call clitics are often characterized by a constellation of properties from diverse grammatical realms.”⁶

É, no entanto, um fato que as discussões acerca das propriedades de morfemas que simulam, por um lado, algumas propriedades de afixos e, por outro lado, propriedades de palavras independentes, têm sido centradas em torno do fenômeno da cliticização. Como resultado, é natural fazer referência à literatura sobre cliticização quando está em questão o *status* gramatical de um morfema com as propriedades descritas acima. Uma série de diagnósticos para distinguir afixos flexionais de clíticos e para distinguir clíticos de palavras (e de partículas) foi resumida em Zwicky (1977) e (1985), respectivamente, e em Zwicky e Pullum (1983), entre outros. Com alguma variação e com diferentes suposições teóricas, essa série de diagnósticos tem sido utilizada por diversos autores e, por conseguinte, serve como referência tipológica para examinar as propriedades de MF.

4.1. Afixos flexionais ou clíticos

As propriedades afixais e clíticas dos MF em Apurinã podem ser examinadas a partir dos seis critérios discutidos por Zwicky e Pullum (1983: 503-4).

Critério A: “Clitics can exhibit a low degree of selection with respect to their hosts, while affixes exhibit a high degree of selection with respect to their stems.”⁷

Ou seja, afixos típicos são mais seletivos que clíticos em termos das bases em que eles são empregados. Com base no critério A, a maioria dos MF se comportam mais como clíticos do que como afixos, já que, como visto acima, uma das características distintivas da classe de MF é precisamente que a grande maioria destes pode ser empregada em bases de palavras de diferentes partes do discurso. Contudo, aqui é um bom lugar para notar que nem todos os MF são igualmente “cegos” à parte do discurso da base na qual ela é empregada. De fato, uma caracterização mais exata do *status* “flutuante” dessa classe especial de morfemas presos é dada na Tabela 3. Nessa tabela, os MF são apresentados em termos de se eles são empregados em bases de palavra de diferentes partes do discurso, sejam elas verbais, nominais ou bases de palavra da classe fechada:

⁶ “Os elementos que chamamos de clíticos são freqüentemente caracterizados por uma constelação de propriedades de diversas dimensões gramaticais”.

⁷ “Clíticos podem exibir um baixo grau de seleção quanto a sua base, enquanto afixos exibem um alto grau de seleção quanto aos seus radicais”.

Tabela 3: Morfemas “flutuantes” e a categoria de sua base

MORFEMAS ESPECIAIS PRESOS	VERBO	NOME	OUTROS
SUJ/POSSOR PRONOM.: <u>nu-</u> , <u>pu-</u> ...	+	+	-
MARCAS DE OBLÍQUOS: <u>-kata</u> , <u>-ã</u> ...	-	+	+
ÊNFASE: <u>-putu</u>	+	+	+
AFETADO: <u>-nhi</u>	+	+	+
GERÚNDIO: <u>-inhi</u>	+	-	-
PERFECTIVIDADE: <u>-pe</u> and <u>-panhi</u>	+	+	+
PREDICADO: <u>-ka₄</u>	+	+	+
RESTRITIVO: <u>-nanu</u>	-	+	+
FRUSTRATIVO: <u>-ma</u>	+	+	+
FOCO: <u>-ra</u>	+	+	+
OBJET PRONOM.: <u>-no</u> , <u>-i</u> ...	+	-	-
MARCA DE 3 rd PLURAL SUBJ/POSSOR: <u>-na</u>	+	+	-
FUTURO: <u>-ko</u>	+	+	+

Portanto, o que a Tabela 3 mostra é que quase todos os MF são empregados em bases de duas ou mais partes do discurso. As exceções são o gerúndio e os marcadores de objeto. Assim, o rótulo “morfemas flutuantes” é parcialmente enganoso, já que nem todos os morfemas presos especiais incluídos aqui nessa classe “flutuam” livremente na oração. Esses MF podem ser divididos nas três subclasses de morfemas presos especiais listados na Tabela 4, onde aqueles que podem ser empregados em três ou mais categorias de bases são chamados morfemas “flutuantes”; aqueles que são empregados em ao menos duas categorias de bases são chamados de morfemas “semi-flutuantes”; e, aqueles que são empregados em bases de apenas uma categoria são chamados de morfemas “não-flutuantes”.

Tabela 4: Morfemas presos especiais e o seu *status* “flutuante”

“FLUTUANTE”	“SEMI-FLUTUANTE”	NÃO “FLUTUANTE”
<u>-putu</u>	<u>nu-</u> , <u>pu-</u> ...	<u>-inhi</u>
ÊNFASE	SUJ/POSSOR	GERÚNDIO
<u>-nhi</u>	<u>-kata</u> , <u>-ã</u> ...	<u>-no</u> , <u>-i</u> ...
AFETADO	OBLÍQUO	OBJETO
<u>-pe</u> / <u>-panhi</u>	<u>-nanu</u>	
PERFECTIVIDADE	RESTRITIVO	
<u>-ka₄</u>	<u>-na</u>	
PREDICADO	3PL SUJ/POSSOR	
<u>-ma</u>		
FRUSTRATIVO		
<u>-ra</u>		
FOCO		
<u>-ko</u>		
FUTURO		

Entretanto, deixando de lado a questão terminológica, pode-se dizer, com base no critério da seletividade, que MF de 11 das 13 classes posicionais não se comportam como típicos afixos.

Critério B: “Arbitrary gaps in the set of combinations are more characteristic of affixed words than of clitic groups.”⁸

Ou seja, uma vez tenha sido estabelecido que um clítico pode ser empregado em uma palavra de uma parte do discurso específica, esse clítico poderá ocorrer com todas as palavras que fazem parte daquela parte do discurso, contanto que as relevantes características sintáticas e fonológicas sejam observadas. Típicos afixos, em contraste, geralmente apresentam lacunas arbitrárias. Quanto ao critério B, MF são novamente distintos de afixos flexionais, já que não há nenhuma indicação de que tais lacunas arbitrárias se aplicam aos MF na língua.

Critério C: “Morphophonological idiosyncrasies are more characteristic of affixed words than of clitic groups.”⁹

Com base no critério C, apenas MF que ocupam a classe posicional de sujeito / possuidor e a classe posicional de gerúndio se comportam como afixos. No primeiro caso, uma complexa combinação de regras morfofonológicas (e fonológicas) se aplica aos marcadores de sujeito / possuidor para derivar as formas fonéticas, como ilustrado na Tabela 5:

Tabela 5: Sujeito/possuidor pronominal

SUJ / POSS		[napa] 'passar'	[kiri] 'nariz'	[oka] 'matar'	[hãkipa] 'coração de'	[hímata] 'copular'
SING	1 /ni/-	[nĩ-napa]	[nĩ-kiri]	[n-oka]	[nĩ-ãkipa]	[nĩ-ĩmata]
	2 /pi/-	[pĩ-napa]	[pĩ-kiri]	[p-oka]	[pĩ-ãkipa]	[pĩ-ĩmata]
	3M /i/-	[i-napa]	[i-kiri]	[ø-oka]	[i-ãkipa]	[i-ĩmata]
	3F /o/-	[õ-napa]	[õ-kiri]	[õ-õka]	[õ ^w -a'kipa]	[õ-ĩmata]
PL	1 /a/-	[ã-napa]	[ã-kiri]	[ã-õka]	[ã-ãkipa]	[ã-ĩmata]
	2 /hĩ/ -	[hĩ-napa]	[hĩ-kiri]	[h-õka]	[h-ãkipa]	[hĩ-ĩmata]
	3 /i-...-na/	[i-na'pã-na]	[i-kiri-na]	[ø-o'kã-na]	[i-ãkipa-na]	[i-ĩmatã-na]

No caso do marcador de gerúndio -inhi, como mostra o exemplo em (8), o uso desse morfema provoca o apagamento da vogal imediatamente precedente na base na qual ele é empregado. (8a) exhibe a base verbal muteka ‘correr’, e (8b) ilustra como a vogal final da base verbal é apagada na presença do marcador de gerúndio. Esse processo de apagamento de vogal se restringe a um par de morfemas presos:

⁸ “Lacunas arbitrárias no grupo de combinações são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos”.

⁹ “Idiosincrasias morfofonológicas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos”.

- (8) a. nota muteka
 ISG correr
 ‘Eu corro.’
- b. nota mutek-inhi
 ISG correr-GER
 ‘minha corrida’

Critério D: “Semantic idiosyncracies are more characteristics of affixed words than of clitic groups.”¹⁰

Ou seja, clíticos contribuem para o significado de uma oração da mesma forma que uma equivalente palavra independente. Em Apurinã a ilustração mais aproximada disso seria uma comparação entre as marcas pronominais de sujeito / possuidor e os pronomes independentes. Ocorre que, como resumido na Tabela 6, as marcas pronominais de sujeito / possuidor são significativamente diferentes de suas putativas contrapartes independentes, já que as primeiras podem funcionar como sujeito ou possuidor enquanto as segundas podem funcionar como sujeito, possuidor ou objeto. Portanto, no sentido de que essa comparação é válida, as marcas de sujeito / possuidor, sob critério D, se comportam mais como afixos do que como clíticos.

Tabela 6: Marca de sujeito/objeto pronominal vs. pronomes independentes

PESSOA & GÊNERO	FORMAS PRONOMINAIS SUJEITO/POSSUIDOR		SUBJEITO/OBJETO/POSSUIDOR	
	SG	PL	SG	PL
1	<u>nu</u>	<u>a</u>	<u>nota</u>	<u>ata</u>
2	<u>pu</u>	<u>hi</u>	<u>pite</u>	<u>hite</u>
3M	<u>u</u>	<u>u na</u>	<u>uwa</u>	<u>unawa</u>
3F	<u>o</u>	<u>o na</u>	<u>owa</u>	<u>unawa</u>

Critério E: “Syntactic rules can affect affixed words, but cannot affect clitic groups.”¹¹

Ou seja, de acordo com esse critério, as bases de palavra contendo MF não poderiam ser alvo de operações sintáticas se elas de fato constituíssem grupos clíticos e não simples palavras afixadas. Este terceiro critério, contudo, está estritamente preso a uma suposição teórica, segundo a qual a cliticização necessariamente ocorre após a efetivação dos processos sintáticos. Portanto, para qualquer modelo teórico sobre a interface entre sintaxe e fonologia que não compartilhe dessa suposição, critério E pode simplesmente ser irrelevante. Entretanto, tentando aplicar esse critério à análise dos MF, o que se observa é que ao menos um MF se comporta mais como afixo nesse aspecto em particular, já que a base de palavra que ele forma pode participar de certas operações sintáticas. Por exemplo,

¹⁰ “Idiosyncrasias semânticas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos”.

¹¹ “Regras sintáticas podem afetar palavras afixadas, mas não grupos clíticos”.

ambos os marcadores de sujeito / possuidor e os marcadores de objeto geralmente estão em distribuição complementar em relação às expressões correferenciais de sujeito / possuidor em certos contextos estruturais: os primeiros não co-ocorrem com uma expressão nominal equivalente em posição pré-verbal na oração (exceto como aposto); os segundos jamais co-ocorrem com uma expressão nominal equivalente (pré- ou pós-verbalmente). Desse modo, os exemplos em (9a) e (9c) são perfeitamente gramaticais, enquanto que aqueles em (9b) e (9d) não o são, precisamente porque nos dois últimos exemplos há uma expressão nominal em posição pré-verbal correferencial ao marcador pronominal que co-ocorre na base verbal:

- (9) a. o-apo-pe
3F-chegar-PFTV
‘Ela já chegou.’
- b. *suto o-apo-pe
3SGF 3F-chegar-PFTV
(A mulher já chegou.)
- c. nota nhika-ru nhi-nhipoko-re
1SG comer-3M.O 1SG-comida-POSSDO
‘Eu comi minha comida.’
- d. *nota nhi-nhika-ru nhi-nhipoko-re
1SG 1SG-comer-3M.O 1SG-comida-POSSDO
(Eu comi minha comida.)

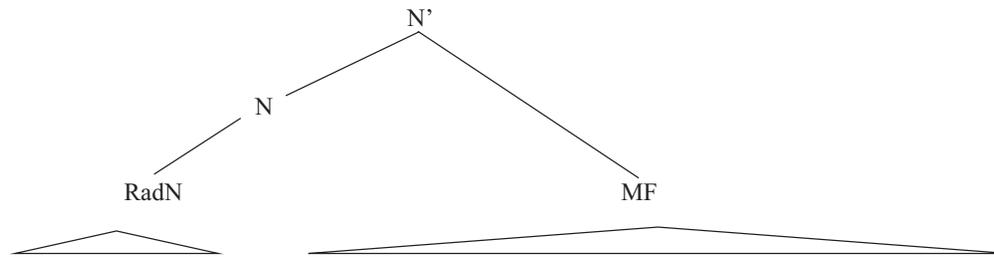
Em (10a) e (10b) os dados são gramaticalmente corretos, enquanto que em (10c) e (10d), onde pronomes independentes co-ocorrem com marcadores pronominais correferenciais, as construções não são gramaticalmente corretas:

- (10) a. nu-nuro ‘minha mãe’ c. *nota nu-nuro (minha mãe)
1SG-mãe.de 1SG 1SG-mãe.de
- b. pu-nuro ‘sua mãe’ d. *pita pu-nuro (sua mãe)
2SG-mãe.de 2SG 2SG-mãe.de

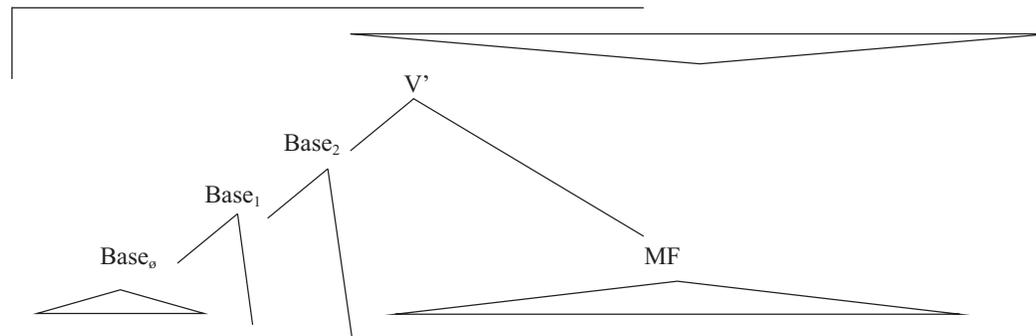
Critério F: “Clitics can attach to material already containing clitics, but affixes cannot.”¹²

Ou seja, se MF são de fato clíticos, eles não deveriam ocorrer dentro (*i.e.* mais próximos da raiz do que) afixos. Este diagnóstico caracterizaria os MF como clíticos, já que, como visto acima, uma das principais características dos MF é que estes ocorrem fora dos típicos afixos. A única qualificação a ser feita é que os marcadores de sujeito / possuidor são empregados na margem esquerda da base de palavra, enquanto os outros MF são empregados na sua margem direita. Isso é representado pelo diagrama das estruturas de verbos e nomes em (11) (N’ e V’ são, respectivamente, formas nominais e verbais complexas):

¹² “Clíticos podem ser empregados em material já contendo clíticos, mas afixos não podem”.



11a. N → (S{R₁ + {R_i} + (CN*), (ta)}, {R, V₂} + ta) + (PL) + (OBL) + (ÊNF) + (AFET) + (PFTVD) + (PRED) + (RESTR) + (FRUST) + (FOC) + (3PL) + (FUT)



b. V → (SUJ) + { {BRt,FRt,N} + (BRt,FRt,N) + ({N, CN}) } + (Class₁) + Class₂ + (ÊNF) + (AFET) + (PFTV) + (PASS) + (PRED) + (FRUST) + (FOC) + (3PL) + (FUT)



O conjunto de propriedades afixais e clíticas de MF, revelados pelos seis critérios apresentados acima, são resumidos na Tabela 7. O que essa tabela mostra é que os MF compartilham majoritariamente propriedades de clíticos, ao invés de propriedades de afixos. O critério E (*i.e.* se o grupo clítico é afetado ou não por operações sintáticas) é a única exceção entre os seis critérios; esse critério, contudo, depende de suposições teóricas específicas cuja discussão está além do escopo deste trabalho, e, por isso, não pode ser aplicado de forma conclusiva dos dados aqui analisados.

Tabela 7: Resumo das propriedade clíticas / afixais dos morfemas “flutuantes”

MORFEMAS	CRITÉRIOS					
	A	B	C	D	E	F
SUJ/POSS	clít	clít	<u>af</u>	<u>af</u>	<u>af</u>	clít
OBLÍQUO	clít	clít	clít	clít	clít	clít
ÊNFASE	clít	clít	clít	clít	?clít	clít
AFETADO	clít	clít	clít	clít	<u>af</u>	clít
GERÚNDIO	<u>af</u>	clít	<u>af</u>	clít	? <u>af</u>	clít
PERFECTIVO.	clít	clít	clít	clít	clít	clít
PREDICATO	clít	clít	clít	clít	clít	clít
RESTRITIVO	clít	clít	clít	clít	clít	clít
FRUSTRAT.	clít	clít	clít	clít	? <u>af</u>	clít
FOCO	clít	clít	clít	clít	clít	clít
OBJETO	<u>af</u>	clít	clít	<u>af</u>	<u>af</u>	clít
3 rd PLURAL	clít	clít	<u>af</u>	<u>af</u>	<u>af</u>	clít
FUTURO	clít	clít	clít	Clít	clít	clít

4.2. Clíticos ou palavras independentes

Uma vez descartada a possibilidade de que MF sejam tratados como típicos afixos, a próxima questão é se MF são de fato diferentes de palavras independentes. As primeiras propriedades que servem para distinguir MF de palavras independentes são aquelas identificadas na seção anterior e que MF compartilham com afixos. Além disso, as seguintes propriedades também distinguem MF de palavras independentes:

- A. MF estão distribuídos em classes posicionais fixas dentro da base da palavra;
- B. eles não possuem acento próprio;
- C. eles são fonologicamente presos; e,
- D. eles encerram as combinações de afixos e de MF.

Portanto, na forma como podem ser distinguidos de típicos afixos e típicas palavras, MF se assemelham a clíticos. A próxima pergunta então seria sobre que tipo de clíticos eles seriam. Esta pergunta será tratada em seguida.

4.3. Morfemas “flutuantes” e a tipologia de clíticos

A partir de Zwicky (1977), dois tipos principais de clíticos têm sido discutidos na literatura: **clíticos simples** e **clíticos especiais**. Clíticos simples são geralmente associados aos morfemas presos que são variantes de palavras independentes e cuja distribuição sintática de ambos é a mesma (Zwicky e Pullum, 1983:503). Nenhum dos MF se comporta como clítico simples. Como atestam os resultados resumidos na Tabela 6, os MF que mais se aproximam de ter uma contraparte independente são os marcadores pronominais de sujeito / objeto, os quais podem ser comparados aos pronomes independentes. No entanto, os marcadores pronominais não podem ser tratados como variantes reduzidas dos pronomes independentes, já que aqueles possuem funções parcialmente distintas destes, conforme visto na Tabela 6.

Clíticos especiais, por outro lado, são aqueles elementos que não possuem uma forma independente correspondente à forma clítica, ou cuja forma independente possui distribuição sintática diferente daquela do elemento clítico. Com base nessa definição, MF parecem comportar-se como clíticos especiais.

As tentativas de prover uma tipologia mais completa dos clíticos especiais (*e.g.* Klavans 1985, Nevis 1985 e Anderson 1988) propõem que tais clíticos sejam descritos em termos de princípios que podem localizá-los dentro de domínios específicos. Assim, em relação a um domínio específico, clíticos especiais poderiam ser / ocorrer:

- (i) iniciais,
- (ii) finais,
- (iii) de segunda posição,
- (iv) penúltimos,
- (v) imediatamente precedendo o núcleo, ou
- (vi) imediatamente seguindo o núcleo.

Em vista desses parâmetros, dois dos grupos de MF apresentam ao menos alguma similaridade aos clíticos especiais. O primeiro é o grupo de marcadores oblíquos, dentre os quais está o marcador associativo -kata, ilustrado em (12). Em (12a), a construção nota hãke ru ‘meu filho’ funciona como o sujeito do verbo apo pe ‘chegar PFTV’. Em (12b), o marcador oblíquo -kata ocorre preso à margem direita de uma construção nominal; ou seja, marcadores oblíquos podem ser descritos como clíticos especiais que ocorrem no final de um SN. Em (12b) o escopo semântico de -kata é toda a construção nominal nota hãke ru₂, não apenas a última palavra nessa construção nominal.

- (12) a. nota hãke-ru₂ apo-pe
 1SG criança.de-M chegar-PFTV
 ‘Meu filho já chegou.’
- b. hãtako-ro nota [hãke-ru₂]-kata apo-pe
 jovem-F 1SG criança.de-M-ASSOC chegar-PFTV
 ‘A moça já chegou com o meu filho.’

Entretanto, nem todos os marcadores oblíquos podem ser descritos nesses termos. Embora o exemplo em (13), em que o marcador oblíquo -mokaru ‘GOAL’ é empregado na margem esquerda da construção pós-nominal modificadora, foi atestado em textos, não há outros exemplos encontrados em textos, e, além disso, exemplos similares foram rejeitados em dados elicitados.

- (13) i-txa kema owa hãtako-ro Ø-anhi-kuto-mokaru
 3M-dizer onça 3SGF criança-F 3M-levar-REL.F.O-META
 ‘A anta disse para ela, para a mulher que ela levou.’ (2:49:A)

O outro MF que apresenta alguma similaridade aos clíticos especiais, em sua definição mais restrita, é o marcador de gerúndio, ilustrado em (14). O marcador de gerúndio é apenas empregado em bases verbais (embora essas bases adquiram algumas propriedades nominais uma vez o gerúndio tenha sido empregado nela). Como tal, o marcador de gerúndio pode ser descrito como um clítico especial que segue o núcleo do predicado verbal.

- (14) a. n-ayat-inhi-ru-ko
 1SG-caçar-GER-3M.O-FUT
 ‘minha caçar para ele...’
 b. u-suk-inhi-no-ko
 3M-dar-GER-1SGO-FUT
 ‘a doação dele para mim...’

Em relação aos demais MF, não há qualquer evidência de que eles possam ser descritos em termos de processos sintáticos específicos que localizam esses MF em um dado domínio. Por exemplo, o marcador perfectivo -pe é um MF que ocorre mais frequentemente em bases verbais. Em (15a), -pe é empregado no verbo final da oração; em (15b), esse morfema é empregado no verbo principal que precede o verbo auxiliar final da oração; e, em (15c) ele é empregado na base de verbo que ocorre no início da oração:

- (15) a. oposo uwa kema anhika txa-pe-ro
 PTC 3SGM anta levar AUX-PFTV-3F.O
 ‘Então, a anta, ela a levou embora.’ (kemasuto:6:A)
 b. oposo uwa-kata su-pe o-txa
 PTC 3SGM-ASSOC ir-PFTV 3F-AUX-PFTV
 ‘Então ela foi com ele.’ (kemasuto:8:A)
 c. ã-imata-pe-ro owa
 3M-copular-PFTV-3F.O 3SGF

Outro exemplo é o marcador restritivo -nanu em (16); nanu ocorre em bases (pro)nominais que estão em posição inicial ou medial na oração:

- (16) a. a-serota-re-nanu-ra watxa ata nhi-pe
 1PL-sal-POSSDO-RESTR-FOC agora 1PL comer-PFTV
 ‘Hoje em dia (é) só com sal que comemos.’ (2:24:108:A)
- b. uwa-nanu su-pe
 3SGM-RESTR ir-PFTV
 ‘Apenas ele já foi (lá).’ (2:72:103:A)
- c. i-ye kiyomane-txi-wako-ru sãkire-nanhi-nhi ata
 M-PROX idoso-UNPOSS-PL-M língua.de-RESTR-AFET IPL
 apa-monhika-ãpo-ta
 juntar-META-ALEAT-VBLZ
 ‘...era apenas a língua dos velhos que aprendíamos.’ (2:77:27:C)

Além disso, mesmo em alguns casos em que um MF ocorre mais frequentemente em uma posição em particular, a sua localização na sentença pode ser melhor motivada por fatores discursivo-pragmáticos, e não por fatores sintáticos. Exemplo disso é o marcador de foco de atenção, -ra. -ra é um MF cuja função é direcionar o foco de atenção para a base de palavra na qual ele é empregado. Portanto, a função / significado do -ra é claramente discursiva. Em função disso, a base de palavra na qual -ra ocorre apresenta forte preferência pela posição inicial, embora apareça algumas vezes também em posição medial na oração. Os exemplos em (17) ilustram a distribuição de -ra:

- (17) a. nota-ra aõku-ta-pê-ka-ru uwa ã
 1SG-FOC ver-PFTV-PASS-3M.O 3SGM
 ‘Sou eu que já o vi...’ (2:62:37:C)
- b. wera hātu kananu-ra-ko a-sa-panhi uwã
 DEM um ano-FOC-FUT 1PL-ir-IMPFTV DISTAL
 ‘É nesse ano que ainda vamos lá’ (2:71:103:A)
- c. uwã-ma-ra-ko a-muna-ma-ru
 DISTAL-FRUSTR-FOC-FUT 1PL-trazer-FRUSTR-3M.O
 ‘Seria de lá que nós o traríamos’ (2:69:92:A)
- d. hāt-u kananu-ra-ko a-kama-ru
 um-M ano-FOC-FUT 1PL-fazer-3M.O
 ‘Será no outro ano que nós o faremos’ (Mod:2:66:69:A)
- e. owa keruwako maku-putu-ka-ra kona awuru-ta-ru
 3SGF DISC.PTC castanha-ÊNF-PRED-FOC não permitir-VBLZ-3M.O
 ‘É a castanha, ela não deixa...’ (2:63:50-51:C)
- f. inhiniã uwa-kata-ma-ra-ko a-sa-ma
 DISC.PTC 3SGM-ASSOC-FRUSTR-FOC-FUT 1PL-ir-FRUSTR
 ‘Então, seria com ele que nós iríamos’ (2:71:107:A)

-ra é empregado no primeiro constituinte da oração em (17a-d), mas em um constituinte no meio da oração em (17e-f). Assim, a forte preferência por uma posição em particular dentro da sentença não é necessariamente determinada por qualquer restrição sintática, mas pode resultar também das propriedades semânticas e funcionais do MF em questão. No caso de ra, é perfeitamente natural (na perspectiva do discurso e cognição) posicionar no início da sentença o elemento sob foco da atenção.

Uma última, mas não menos importante, propriedade de MF que os distingue dos casos mais típicos de clíticos especiais é o fato de que ao menos alguns deles podem ocorrer mais de uma vez em bases de palavra distintas na mesma construção, de uma maneira que é análoga a marcas de concordância em outras línguas, como se pode observar nos exemplos em (18):

- (18) a. kuki-nhi upupe-kari-nhi
 homem-AFET morrer-REL.S.M-AFET
 ‘O homem que morreu...’ (2:7:C)
- b. uwa-kata-ma-ra-ko a-sa-ma
 3SGM-ASSOC-FRUSTR-FOC-FUT 1PL-ir-FRUSTR
 ‘Iríamos lá COMELE...’ (2:71:107:A)
- c. wera-kata-ma-ko a-su-ã₃-ka₄-ma-ko
 DEM-ASSOC-FRUSTR-FUT 1PL-ir-HYPOTH-PRED-FRUSTR-FUT
 ‘Se fôssemos com aquele...’ (2:70:98:C)
- d. apo-pe i-txa-pe i-ye õ-uru
 chegar-PFTV 3M-AUX-PFTV 3M-PROX 3F-pai.de
 ‘Ele já chegou, esse pai dela’ (kemasuto:59:A)
- e. hãtako-ro-nhi awãku-ta-ka₄ txa-ka₄-ru uwa
 jovem-F-AFET sentir.dor-VBLZ-PRED AUX-PRED-3M.O 3SGM
 ‘A moça deu a luz a ele’ (kemasuto:86:A)

(18a) ilustra a ocorrência do marcador de dano tanto na expressão do sujeito como no verbo relativizado. Em (18b), o marcador de frustração aparece tanto na expressão associativa como no verbo. Em (18c), ambos o marcador de frustração e o marcador do futuro aparecem tanto na expressão associativa como no verbo. Finalmente, em (18d-e) o marcador de perfectivo e o marcador de predicado aparecem tanto no verbo matriz como no verbo auxiliar. A semelhança entre esse uso de MF e casos típicos de concordância é apenas parcial: enquanto concordância implica a repetição obrigatória do morfema (nos casos em que a concordância se dá pela repetição do morfema), a repetição dos MF é gramaticalmente opcional e provavelmente associada a fatores discursivo-pragmáticos que carecem ainda de uma análise detalhada. Não há qualquer evidência de que algum fator gramatical esteja sistematicamente associado ao uso repetitivo de MF em uma dada construção.

5. CONCLUSÃO

MF podem ser adicionados à categoria de elementos que ainda apresentam problemas para a tipologia tradicional do fenômeno da cliticização. Não foi o objetivo deste trabalho propor uma nova tipologia de clíticos, mas apresentar fatos que indicam a necessidade de uma melhor compreensão da interação e distinções nem sempre categoriais envolvendo formas fonológicas, princípios da estruturação interna das palavras e da organização sintática das sentenças. Além disso, ficou claro que, embora ao menos uma propriedade (nomeadamente, que MF ocorrem fora dos típicos afixos) possa ser usada para justificar um agrupamento dos MF em uma classe especial de morfemas presos que apresentam certas similaridades aos clíticos especiais, há também diversas diferenças individuais entre esses elementos, e essas diferenças fazem com que essa classe não seja tão uniforme. Essa última observação serve para levantar a questão sobre até que ponto os tão chamados elementos clíticos apresentam, de fato, um comportamento uniforme em outras línguas. Contudo, se for o caso de que os MF aqui analisados constituem desvios das normas que regem a organização das gramáticas, ao menos eles servirão de exemplos de como partes das gramáticas podem desviar das rotas tradicionais no que diz respeito ao fenômeno da cliticização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Stephen (1988). *Morphological Theory*. In: Newmeyer (1988), vol. 1, pp. 146-191.
- CRAIG, Colette G. (ed.) (1986). *Noun Classes and Noun Classification*. Amsterdam: John Benjamins.
- DELANCEY, Scott (1984). Notes on Agentivity and Causation. *Studies in Language* 8:181-213.
- _____.(1986). Towards a history of Thai a classifier system. In: Craig (ed.) (1986), pp. 437-452.
- _____.(1991). Event Construal and Case Role Assignment. *Berkeley Linguistic Society*.
- FACUNDES, Sidney da S. (2000a). *The Language of the Apurinã People of Brazil*. Tese de Ph.D., SUNY-Búfalo: Búfalo.
- _____.(2000b). Historical Linguistics and Its Contribution to Improving the Knowledge of Arawakan. In: J. D. Hill e F. Santos-Granero (Eds. 2002). *Comparative Arawakan Histories*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press, pp. 74-96.
- KLAVANS, J. (1985). The Independence of Syntax and Phonology in Cliticization. In: *Language*, 61: 95-120.
- NEVIS, Joel A. (1985). *Finish Particle Clitics and General Clitic Theory*. Tese de Ph.D., Ohio State University: Columbus.
- NEWMAYER, Frederick J. (1988). *Linguistic Theory: Foundations*. Linguistics: The Cambridge Survey, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press.
- SADOCK, Jerrold M. (1991). *Autolexical Syntax: a Theory of Parallel Grammatical Representations*. Chicago: University of Chicago Press.
- ZWICKY, Arnold M. (1977). *On Clitics*. Bloomington: Indiana University Linguistic Club.
- _____.(1985). Clitics and Particles. In: *Language*, 61:283-305.

ZWICKY, Arnold e PULLUM, G. K. (1983). Cliticization vs. Inflection: English *n't*. In: *Language*, 59:502-13.